



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17446 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

A PRÁTICA DA POESIA SLAM: EMARANHADOS E COTIDIANOS NO FAZER LITERÁRIO

Acássia Gomes de Brito - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Sueli Lago Pinheiro - UFBA - Universidade Federal da Bahia

A PRÁTICA DA POESIA SLAM: EMARANHADOS E COTIDIANOS NO FAZER LITERÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Como aproximar a literatura do cotidiano dos(as) estudantes? É uma inquietação recorrente, principalmente, nas aulas de língua portuguesa, visto que não se trata, apenas, do uso da literatura como instrumento para formar leitores(as), como previsto nos currículos oficiais, por meio do letramento literário, entendido enquanto capacidade de interpretar os signos estéticos presentes nas obras e engenhosamente estruturados através da linguagem na sua função conotativa (Cosson, 2006). Ou, como habilidade em associar a obra lida com o seu contexto cultural, social, político, a fim de recuperar os significados que a polissemia ali posta sugere (Idem, ibidem). E no que se refere à prática de produção desses gêneros literários pelos(as) estudantes, observa-se mais um reforço ao letramento, à medida que é requisito obrigatório a observância das especificidades estruturais e estilísticas de cada gênero, no tocante aos usos da língua e linguagem, impostas socialmente e consolidadas pelos cânones da literatura.

Essas práticas de literatura na escola, pautadas nos paradigmas modernos, privilegiam o domínio do conhecimento como forma de representar a realidade,

além de definir papéis bem específicos para o autor, obra e leitor. Marcadas por um fazer literário fragmentado, de viés elitista, que valoriza muito mais os autores, as pessoas cultas e bem entendidas das letras vernáculas, em que as obras, em sua maioria, são produtos construídos através de recursos estilísticos variados, com prevalência da escrita e o silenciamento da fala. Nestes termos, ao leitor cabe interpretar os significados já postos na obra, restrito ao mundo simbólico dos signos e suas semioses. O contato que o(a) estudante tem com a literatura, ao invés de aproximá-lo de si e do seu cotidiano, fica no âmbito da epistemologia e, em certa medida, se consubstancia como um exercício de língua e linguagem que, como bem enfatiza Mark Johnson (2021), se constitui como desincorporada, uma vez que não é considerada como prática de um corpo situado que se relaciona no/com (o) mundo.

O ideário da escola moderna e a educação cognitivista, relegaram a experiência direta, as percepções sensíveis e valorizaram a racionalidade crítica. Isso acabou por nos distrair da beleza de experimentar a realidade imediata, à medida que investiu muito mais em artifícios lógicos-objetivistas para interpretá-la e não para senti-la e descrevê-la, mascarando a verdadeira interação e imbricamento que há entre os corpos no/do/com (o) mundo. E a linguística, pautada no dualismo entre língua e fala, de viés simbólico, acabou por desconsiderar o momento pré-reflexivo, limitando a linguagem à perspectiva do letramento, esquecendo-se que, antes de tudo, ela é corpórea.

a linguagem é intimamente moldada por todos os aspectos de nosso estar no mundo corporificado – da percepção ao movimento, ao sentimento. Estudos empíricos sobre o processamento da linguagem não apoiam uma mente descorporificada. Pelo contrário, revelam que significado, conceitos e entendimento emergem de nossas interações físicas com objetos e eventos, e de nossas interações interpessoais com outros animais humanos e não humanos (Johnson, 2021, p. 120).

A linguagem corporificada como nos é apresentada por Mark Johnson (2021) convida a repensar a forma como a literatura é tratada na escola, uma vez que deixa de ser um artefato teórico, fabricado por mentes dotadas de alto conhecimento, e passa a ser uma expressão insurgente da percepção, em que o corpo, em seu movimento para habitar as coisas do mundo, passa a ser a entidade criadora de sentidos, a partir de suas sensações, como um ato em constante movimento de co-criação.

É como acontecimento de um corpo, exposto, posto no mundo, que se defende a literatura corporificada, fundada na experiência fenomenal que

reconhece, no movimento do imediatamente vivido, a força para sua criação como a expressão encarnada da existência.

É por meio de uma formação ontológica e um sentido mais encarnado de existência que a “literatura corporificada” se insurge. Como espaço aberto para os modos de sentir o mundo. E, assim, resgatar os momentos vivenciados pelos(as) estudantes nas suas experiências cotidianas, de modo a rejeitar o “olhar de sobrevôo”, como nos alertou Merleau-Ponty (2014), um olhar próprio de quem manipula as coisas de modo instrumental, mas se recusa a habitá-las. Nesse sentido, é importante atentar para o que Tim Ingold (2015) nomeara de uma educação da atenção.

Uma educação da atenção é aquela que nos convida a caminhar para fora, ao invés de inculcar o conhecimento para dentro da mente (Ingold, 2015). Estar atento se faz no “caminhar para fora” de modo a inquirir as coisas do mundo em suas minúcias, como uma experiência direta com o cotidiano de corpos que sentem e se expressam, a partir de sua relação com o ambiente. Em que suas práticas cotidianas se consubstanciam como criação de *praticantessentintes*.

Então, imbuídos por uma educação da atenção e investindo na busca por um fazer literário que se consolide como prática de corpos *praticantessentintes* e que seja gestado no cotidiano como acontecimento de uma corporeidade, é que a poesia slam desponta, na contemporaneidade, como uma possibilidade para aproximar o(a) estudante e as suas ambiências.

A poesia slam é uma forma de ‘*sentirfazer*’ o literário que brota dos cotidianos como uma “artesanaria” coletiva. Essas batalhas de poesia, como também são conhecidas, pode ser uma proposta metodológica de feição renovada para os modos de se envolver com a literatura na escola. Dessa maneira, o objetivo desse trabalho é identificar, por meio da poesia slam, as possibilidades em aproximar o fazer literário das práticas cotidianas dos(as) estudantes. Como arte literária de resistência, o slam subverte a dinâmica do “letramento literário”, tão comum às tradições pedagógicas intelectualistas, que insistem em limitar os estudos da literatura ao domínio epistemológico do cânone literário, desconsiderando seu caráter ontológico, sensível e corpóreo. Para tanto, partir-se-á de uma revisão de literatura, tomando por base teóricos contemporâneos que estudam e pesquisam temas como: percepção (Merleau-Ponty, 1999, 2014, 2016), ambiente (Ingold, 2015, 2022), linguagem corporificada (Max Johnson, 2021), literatura slam (Roberta Estrela D'alva, 2011), entre outros(as).

2 A POESIA SLAM E A LINGUAGEM CORPORIFICADA

Os(as) slammers, como são chamados(as) os(as) *poetas/praticantes/sentintes*, se utilizam de táticas literárias livres, experimentadas nos movimentos fugidios dos cotidianos, atentos em dizer de si, por si e a partir de si os anseios coletivos através da poesia, sem entremeios, em completa ambiência com o entorno. Os slammers, manifestam através da sua voz a poesia, ecoada por meio da imbricação entre palavras proferidas, movimentos dos corpos e as diversas afetações do mundo (D'Alva, 2011). Com potência poética, visam experienciar a força em fluxo de quem caminha atento(a), entregue ao encanto da pulsante atividade em seus arredores e derredores.

O cotidiano da poesia slam é incerto, está na ordem do improvável, do intuído, do imediatamente vivido. Essa força reveladora da poesia slam subverte a história única, contada pela modernidade ocidental, que tenta nos uniformizar num regime de pensamento padronizado, à medida que consome o nosso corpo como mercadoria e nos afasta de nós mesmos. O slam, como poesia encarnada, faz parte dessa literatura livre, de resistência, mobilizando *poetas/caminhantes* como fazedores(as) de uma literatura à margem da tradição, no sentido de estarem à margem do hegemonicamente padronizado e aceito.

Os poemas slammers, tem o tempo de três minutos para defender a sua poesia, sem o uso de adereços ou qualquer outro recurso (D'Alva, 2011). Basta apenas seguir os movimentos do seu corpo, deixar fluir suas emoções em comunhão com o público presente que partilha da poesia propagada no/com (o) ambiente.

Os espectadores vibram com slammers que conseguem tirá-los de onde estão, que provocam paixão, ódio, que despertam desejo, dor, repulsa, admiração. Os poetas que entram nessa arena, sabem que terão que emocionar a audiência, seja pelo humor, pelo horror, pelo caos, pela doçura, pela perturbação ou pelas inúmeras sensações emocionais e corporais que propõem, e os mais diversos recursos são usados por eles para atingir esses fins (D'Alva, 2011, p.123).

Observa-se que a separação entre autor, obra e ouvinte/leitor deixa de existir, pois, como “linhas” que convidam ao “*caminhar junto*” (Ingold, 2022, p. 25), “as pessoas crescem no conhecimento do mundo à sua volta, e descrevem este mundo nas histórias que contam” (Ingold, 2022, p. 25).

Nas batalhas de poesia que acontecem no Brasil, esse “*caminhar junto*” se dá quase sempre nas ruas, entoado pela voz aflita do(a) poeta que tenta romper as fronteiras impostas da língua erudita (D'Alva, 2011), que tanto teima em lhe conter

e confinar. Por isso, o grito surge nas batalhas como tática de atenção às “linhas de vida”, que se abrem através dos movimentos da expressão poética, de modo a inspirar aos que lhes escutam a também criar seus poemas, ali, naquele momento, como um resultado do intercruzamento de histórias, de experiências, de sentimentos inéditos e surpreendentes, na confluência das relações, permeadas pelo movimento metafórico do corpo, da imaginação e da criatividade.

Ao performar o corpo em expressão poética, os(as) slammers devolvem à palavra sua voz, rompendo com o silenciamento a que a linguagem foi submetida, pelo predomínio da escrita (Ingold, 2022). Tal gesto, ressalta na linguagem, na palavra, na literatura sua condição corporificada, à medida que o(a) poeta expressa o que vive e o que experimenta no horizonte e nas paisagens que escolhe.

Neste sentido, os slammers através da expressão poética como inscrita do corpo, dizem o que sentem. São seus corpos feridos, excluídos e subjugados, mas capazes de resistir e criar que falam, que gritam. É a tática da literatura como modo de sobrevivência e subversão que se corporifica na poesia, como *poemascorpos* que ecoam como “tricheiras”, em que a palavra é defendida e usada como “arma”, capaz de atravessar e cortar a “carne” do outro, convidando-o(a) a performar em movimentos rítmicos de co-criação artística.

Esse campo de co-criação, ao ser incorporado na dinâmica das metodologias e práticas educacionais, pode oportunizar outros modos de ver/sentir/pensar os cotidianos como parte do fazer escolar, assim como acontecem nas ruas onde ocorrem essas batalhas. “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (Freire, 1996, p. 30).

Para colaborar com esse questionamento, é importante destacar a análise realizada por Merleau-Ponty (2016) acerca da percepção, em que observa o papel do corpo na constituição do conhecimento, ao defender a necessidade em “não considerar inicialmente a consciência pura, mas voltar à própria percepção; tomar a consciência já em obra, já situada, não confiar em uma noção esquemática da consciência” (2016, p.35), pois como o autor afirma na Fenomenologia da Percepção “o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele” (1999, p. 5). Então, é preciso estar atento à percepção e a toda criatividade que advém dessa relação mais íntima e sinuosa com o mundo sensível, pois “para compreender como as coisas podem manter-se afastadas e, ao mesmo tempo, ser dadas a nós, depende de que se entenda como podem ter um significado que não pertence a ordem do pensamento” (Wrathall, 2012, p. 46). Essa noção merleau-pontyana evidencia a fragilidade das visões mecanicistas adotadas pelos projetos modernos ao centrar-se mais no aspecto informativo do conhecimento, relegando o descritivo.

A formação pautada segundo essa visão, distanciou, em certa medida, nossas vivências das questões curriculares e, mesmo as reformulações educacionais que trouxeram os cotidianos como prática educativa, ainda não romperam de forma efetiva com os pressupostos cognitivistas, dicotômicos. Ainda que se critique o “modelo da ciência moderna, que para se “construir” teve a necessidade de considerar os conhecimentos cotidianos como “senso comum” a serem “superados” pelos conhecimentos científico” (Alves, 2003, p.65), estes pressupostos ainda são referências nos currículos.

E, de algum modo, mesmo transversalmente, parece que instem em considerar o/a estudante como uma “tábula rasa”, relegando suas experiências, criatividade e imaginação e estes são tão necessárias quanto os conteúdos teóricos que irão adquirir. Ressalta-se que as práticas literárias, mesmo que já apontem uma ruptura com a tradição cognitivista, é um movimento ainda tímido frente ao apego ao letramento literário.

2.1 Resultados e discussões da pesquisa

Práticas pedagógicas (Alevato, 2023; Pereira; Monteiro, 2024) que tratam da temática do Slam na escola, geralmente, assume duas vertentes: i) a do letramento literário; ii) e a da identidade e cultura. O letramento entendido enquanto o uso de diferentes linguagens na prática social, acaba por limitar as batalhas da poesia slam ao domínio simbólico, à medida que se fundamenta na centralidade do texto e a recuperação de seus sentidos em suas múltiplas semioses; e a prática de identidade e cultura, ainda que tenha tratado das diversidades sociais, não contemplaram a dimensão ontológica do corpo e sua importante atuação na gestação da linguagem corporificada (Johnson, 2021).

Observou-se que os objetivos orientadores das práticas pedagógicas citadas acima, enfatizam o fazer das batalhas do slam na escola mais como gênero textual, com destaque para as práticas de linguagem (leitura, análise linguística, oralidade e produção textual), de modo a assumir uma perspectiva ainda cognitivista, mesmo quando destacam sua importância enquanto literatura de resistência política, social e cultural. E, limitam seus aspectos performáticos ao âmbito do letramento literário, reduzindo os poemas slammers à prática de linguagem tão comum aos currículos escolares, mantendo sua perspectiva descorporificada, herdeira da “filosofia analítica” e da “filosofia linguística” da modernidade (Johnson, 2021).

É com esse espírito em poetizar os cotidianos como práticas mobilizadas por corpos encarnados no/do/com (o) mundo, que nas batalhas de poesia slam, a expressão poética se torna livre. As dinâmicas incorporadas nas batalhas envolvem as emoções, a imaginação, a criatividade, em movimentos que captam a inspiração

poética que se expressa não só em palavras, seja ela oral ou escrita, ou com signos ou símbolos, mas, nas sensações e movimentos de corpos situados, envolvidos em um mesmo ambiente.

Assim, a proposta de trazer a prática da poesia slam para a escola como modo de '*sentirfazerpensar*' a literatura, aproximando-a dos cotidianos e dos modos de vida dos(as) estudantes, pode contribuir para criar mais envolvimento com a linguagem e mostrar que ela não se encontra fora dos movimentos cotidianos praticados por eles(as). O cuidado ao fazer essa aproximação, incide em não a limitar a mero objeto de conhecimento, como se a linguagem pudesse ser um ato de pensamento desvinculado dos outros sentidos. Dessa maneira, a literatura contemporânea do slam pode potencializar as práticas de multienvolvimento nas escolas, avançando na concepção e prática da linguagem corporificada, tão presente nas batalhas, importante para se '*sentirfazerpensar*' as relações com o fazer literário no cotidiano dos estudantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, a discussão em torno do fazer literário é complexa. Não é mais possível pensar a literatura em uma perspectiva canônica, à maneira da modernidade. A apreensão da realidade racional/representativa inibiu a criatividade, a imaginação e o poder da percepção, tornando a arte literária, na escola, uma prática interpretativa de mentes desincorporadas.

Insistindo em manter a visão epistemológica e interpretativa, em detrimento dos aspectos pré-reflexivos que captam a gênese da criação, do fazer livre que brota dos movimentos dos corpos nas múltiplas paisagens do mundo, a literatura canônica se tornou pouca atrativa e distante dos movimentos cotidianos dos(as) estudantes.

Assim, o fazer literário, a partir da noção da linguagem corporificada, propõe outros modos de '*sentirfazerpensar*' a literatura nas escolas. E a poesia slam, como uma prática literária corporificada, é um desses modos, na medida em que poetiza os cotidianos ao despontar como um grito, em que o verso emana como força pulsante da vida que teima em se expressar.

REFERÊNCIAS

ALEVATO, Fernanda Rodrigues Castanharo. **Slam na sala de aula: ouvir as vozes (silenciadas) dos alunos**. Dissertação de mestrado: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2023.

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, p. 119-126, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.
- INGOLD, Tim. **Linhas**: uma breve história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- JOHNSON, Mark. A corporificação da linguagem. In: **Deseducando a educação**: mentes, materialidades e metáforas. Ralph Ings Bannell, Mylene Mizrahi, Giselle Ferreira (orgs.). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021.
- MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosacnaify, 2014.
- MERLEAU- PONTY, Maurice. **A união da alma e do corpo em Malebranche, Biran e Bergson**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- PEREIRA, Rafael Calado Alves; MONTEIRO, Jesus Alexandre Tavares. Poemar a própria vida: slam escolar e a educação a partir da identidade da/o sujeito-aluna/o. **Revista Imagens da Educação**, v. 14, n. 2, p. 129-150, 25 jun. 2024.
- WRATHALL, Mark. Fenomenologia existencial. In: DREYFUS, Hubert, WRATHALL, Mark(org.). **Fenomenologia e Existencialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

RESUMO

Na maioria das vezes, a escola se distancia dos cotidianos dos(as) estudantes e insiste em uma metodologia conteudista e intelectualizada de base cognitivista. O objetivo desse trabalho é identificar, por meio da poesia slam, as possibilidades em aproximar o fazer literário das práticas cotidianas dos(as) estudantes, na intenção de subverter a dinâmica canônica da literatura e ressaltar seu aspecto sensível e corpóreo. A poesia slam é uma proposta inovadora, que ventila possibilidades em se pensar a literatura na escola de maneira corporificada, recuperando sua base ontológica. O trabalho consiste em uma revisão de literatura, tomando por base discussões contemporâneas acerca da linguagem corporificada e dos cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE

Poesia slam. Linguagem corporificada. Cotidianos.